

Editorial

O presente número da revista Espaço Pedagógico trata de um tema relevante, complexo e desafiador: Educação e reconhecimento. Essa temática vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, na mídia e em instituições sociais, entre as quais as que atuam no campo da educação. Há um conjunto de questões emergentes que estão articuladas direta ou indiretamente ao reconhecimento e que não podem mais ser negligenciadas. Nesse contexto está havendo, indiscutivelmente, uma ampliação das pesquisas e dos debates. Que perspectivas teóricas e epistemológicas estão orientando essas investigações? Como esse debate está sendo realizado entre educadores? Em que medida as políticas públicas estão dando conta dessas questões?

O tema proposto perpassa, num sentido amplo, a história da humanidade, mas é no século XVIII que suas formulações ganham mais objetividade. Desde então foi crescendo o otimismo de que o desenvolvimento científico e tecnológico contribuiria para superar preconceitos raciais, discriminações socioculturais, desigualdades, conflitos étnicos, práticas de intolerância religiosa e perseguições políticas. No entanto, as experiências de barbárie do século XX, especialmente as vivenciadas nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, mostraram que o reconhecimento permanece como um dos grandes desafios para o século XXI. As questões que vêm sendo colocadas por organizações, movimentos e instituições sociais, desde a segunda metade do século XX e, de modo mais acentuado, desde a década de 1980, evidenciam que há enormes desafios a serem enfrentados, mas também avanços importantes.

Estamos vivendo em sociedades complexas e plurais, nas quais existem diferentes ideias, valores, projetos e interesses. O reconhecimento dessa diversidade é condição para que os diferentes sujeitos sejam respeitados em seus direitos fundamentais. No entanto, a diversidade pode ser usada como pretexto para justificar e legitimar práticas excludentes. Como diz Boaventura de Sousa Santos, precisamos ser reconhecidos como iguais sempre que a diferença inferioriza e reconhecidos como diferentes sempre que a igualdade descaracteriza.

Reconhecer o outro como sujeito exige uma postura democrático-dialogica que implica a abertura ao outro não apenas como relação individual, mas interpessoal na medida em que envolve diferentes formas de interação social e novos processos de socialização. Esses processos intensificados com os novos recursos tecnológicos estão exigindo referenciais teóricos que ajudem a analisar e compreender como ocorrem e seus impactos nas constituições das subjetividades, nos processos de socialização e na educação. Como pensar o reconhecimento nesse contexto de transformações?

Num contexto socioeconômico e cultural que exacerba o individualismo, a concorrência e a competição, hierarquização e discrimina pessoas e grupos por razões socioeconômicas, condição social, gênero, etnia e religião, é difícil reconhecer o outro. As injustiças criam muralhas que segregam pessoas, grupos e povos e faz multiplicar preconceitos e práticas de exclusão. Quais são, então, as possibilidades de construção efetiva de relações intersubjetivas que reconheçam o outro?

O tema do presente número da revista coloca em discussão algumas dessas questões através de uma interlocução entre diferentes áreas do conhecimento. Reconhecer é um verbo transitivo que exige complemento. Reconhece-se algo ou alguém e de determinadas formas. Decorre disso um conjunto de implicações, entre as quais as condições para o diálogo, as formas de comunicação e participação, a diversidade sociocultural, o exercício democrático do poder. Implica, por conseguinte, conceber uma perspectiva emancipatória na qual participam sujeitos com múltiplas identidades e valores. O diálogo é condição para o reconhecimento e por meio deste a diversidade pode ser potencializada pedagogicamente.

Constitui o presente número um conjunto de artigos que abordam, de diferentes perspectivas teóricas e empíricas, o tema educação e reconhecimento. Desejamos que essas contribuições qualifiquem as discussões relativas ao reconhecimento e ajudem a avançar na construção de relações interpessoais e sociais que nos tornem mais autênticos e contribuam para o crescimento pessoal e social. Com isso a revista Espaço Pedagógico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UPF e da Faculdade de Educação cumpre seu papel de divulgar e socializar resultados de investigações.

Como parte de um processo de qualificação da revista Espaço Pedagógico estamos iniciando, a partir do presente número, uma nova seção denominada “Diálogo com educadores”. Nela pretende-se estabelecer uma interlocução com pesquisadores nacionais e internacionais que tenham pesquisas relevantes no campo da educação ou em áreas de fronteira. Não se trata de entrevista no sentido estrito, mas de um diálogo com pesquisadores a partir das trajetórias de formação, as questões investigadas, as principais preocupações teóricas e epistemológicas, as produções científicas, os desafios que a academia precisa enfrentar do ponto de vista pedagógico, investigativo e epistemológico. Desejamos que essa nova seção permita ampliar e qualificar pesquisas por meio de experiências construídas historicamente e que essas reflexões nos ajudem a qualificar os problemas de pesquisa e avançar nas investigações, especialmente as que estão sendo desenvolvidas no âmbito dos programas de pós-graduação. Para nossa alegria, contamos nesta primeira seção com a contribuição do importante educador brasileiro Antônio Joaquim Severino. Que suas reflexões nos ajudem a qualificar nossas trajetórias pessoais e coletivas de pesquisa.

No presente número contamos também com a resenha de Raimundo Rajobac da obra de Hans Gerog Flickinger, *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*.

Desejamos a todos uma boa leitura.